



*E*NSAIO POÉTICO



NÍSIA FLORESTA BRASILEIRA AUGUSTA

Uma ilustre escritora potiguar



Constância Lima Duarte¹

RESUMO

No século XIX, poucas escritoras se destacaram no cenário das letras nacionais. Dentre elas, temos Nísia Floresta Brasileira Augusta (1810-1885), autora de uma obra significativa, escrita em português, francês e italiano, e composta de romances, poemas, ensaios, crônicas e relatos de viagem. Através de seus livros, Nísia Floresta participou ativamente do debate em torno de temas polêmicos, como os direitos das mulheres, dos escravos e dos índios. O presente texto contém uma apresentação sucinta de sua vida e obra, com destaque para alguns de seus principais trabalhos literários, justificando o lugar de destaque na história intelectual da mulher brasileira que ela merece ocupar.

Palavras-chave: Literatura Feminina Brasileira. História Intelectual da Mulher. Feminismo.

NÍSIA FLORESTA BRASILEIRA AUGUSTA: a famous potiguar writer

ABSTRACT

In the 19th Century, few female writers stood out in the national writing scenario. Among the ones who did we have Nísia Floresta Brasileira Augusta (1810-1885), writer of significant works written in Portuguese, French and Italian; works that were composed of romances, poems, essays, chronicles and journey diaries. Through her books, Nísia Floresta had an active voice on debates about polemic themes such as women's, slaves' and indians' rights. This paper summarizes her life and anthology, with specific highlights on some of her main literary works, justifying the place she holds inside the intellectual history of the Brazilian woman.

Keywords: Brazilian Feminine Literature. Woman's Intellectual History. Feminism.

¹ Professora – UFMG. E-mail: constancia@ufmg.br; constanciauarte@gmail.com

DIREITOS
MULHERES,
E
INJUSTIÇA DOS HOMENS,
POR
MISTRISS GODWIN.
TRADUZIDO LIVREMENTE DO FRANCÊZ PARA PORTUGUEZ,
E OFFERECIDO A'S
BRASILEIRAS,
E
ACADEMICOS BRASILEIROS:
POR
NISIA FERREIRA BRASILEIRA AUGUSTA.



PORTO ALEGRE,
REIMPRESSO NA TYPOGRAPHIA
DE
V. F. DE ANDRADE: RUA DA PONTE
1833.

Capa do primeiro livro, na segunda edição de 1833.



Por que a ciência nos é inútil? Porque somos excluídas dos cargos públicos; e por que somos excluídas dos cargos públicos? Porque não temos ciência.

Nísia Floresta

Quando pensamos na história da luta feminina em busca de seus direitos no Brasil, vários são os nomes de mulheres que nos ocorrem. Josefina Álvares de Azevedo, Luciana de Abreu, Francisca Senhorinha da Mota Diniz, Presciliana Duarte de Almeida, Joana Paula Manso de Noronha e Bertha Lutz, por exemplo, são apenas alguns que poderiam ser citados. Mas se recuamos ainda mais e tentamos alcançar as primeiras páginas dessa história, um nome se destaca e se impõe: Nísia Floresta Brasileira Augusta, pela coragem revelada em seus escritos, pelo ineditismo e ousadia de suas idéias.

Este nome, melhor, pseudônimo, pertenceu à norte-rio-grandense Dionísia Gonçalves Pinto, nascida em Papari (RN), em 1810, e, após residir em diversos Estados brasileiros, como Pernambuco, Rio Grande do Sul e Rio de Janeiro, mudou-se para a Europa. Nísia Floresta morreu em 1885, em Rouen, cidade do interior da França, e foi enterrada em Bonsecours, na época, um pequeno distrito de Rouen².

Num tempo em que a grande maioria das mulheres brasileiras vivia trancafiada em casa sem nenhum direito; quando o ditado popular dizia que “o melhor livro é a almofada e o bastidor” e tinha foros de verdade para muitos, justo nesse tempo Nísia Floresta dirigia um colégio para moças no Rio de Janeiro e escrevia livros e mais livros para defender os direitos das mulheres, dos índios e dos escravos.

Nísia Floresta deve ter sido uma das primeiras mulheres no Brasil a romper os limites do espaço privado e a publicar textos em jornais da chamada grande imprensa. E foram muitas as colaborações que a cada dia surgiam sob a forma de crônicas, contos, poesias e ensaios. Aliás, esse é um traço da modernidade de Nísia Floresta: sua constante presença na imprensa

² Em 1954, o governo do Estado providenciou o traslado de seus despojos, e construiu um mausoléu na cidade em que ela nasceu, e que hoje leva seu nome.

nacional desde 1830, sempre comentando as questões mais polêmicas da época. Se lembramos que apenas em 1816 a imprensa chegou ao país, mais se destaca o papel pioneiro que esta brasileira desempenhou no cenário nacional.

O primeiro livro escrito por Nísia Floresta é também o primeiro que se tem notícia no Brasil que trata dos direitos das mulheres à instrução e ao trabalho, e exige que elas sejam consideradas como seres inteligentes e merecedores de respeito pela sociedade. Este livro, publicado em 1832 em Recife (PE), tem o sugestivo título de **Direitos das mulheres e injustiça dos homens**, e, quando surgiu, Nísia tinha apenas vinte e dois anos e a grande maioria das brasileiras vivia enclausurada em preconceitos, sem qualquer direito que não fosse o de ceder e aquiescer sempre à vontade masculina. No ano seguinte saiu uma segunda edição e, em 1839, ainda uma terceira, no Rio de Janeiro.

O **Direitos das mulheres** de Nísia Floresta foi inspirado no livro de Mary Wollstonecraft - *Vindications of the rights of woman*, de 1792 – conforme ela declara, mas também na **Declaração dos direitos da mulher e da cidadã**, de Olympe de Gouges, e em obras de autores europeus menos conhecidos. Só que, ao invés de simplesmente traduzir um deles, nossa autora escreveu um novo texto em que aponta os principais preconceitos existentes no Brasil contra a mulher, identifica as causas desse preconceito na colonização portuguesa, e ainda desmistifica a idéia dominante da superioridade masculina. Por isso é possível afirmar que, nesta ‘tradução livre’ de Nísia Floresta temos o texto fundante do feminismo brasileiro, pois trata-se de uma nova escritura ainda que inspirado na leitura de outros. A nossa autora se coloca em pé de igualdade com o pensamento europeu, e cumpre o importante papel de elo entre as idéias européias e a realidade nacional.

Em outros livros ela continua destacando a importância da educação feminina para a mulher e para a sociedade. São eles: **Conselhos à minha filha**, de 1842; **Opúsculo humanitário**, de 1853; **A mulher**, de 1859; além de novelas dedicadas às jovens estudantes de seu colégio. Nesses escritos encontramos desde conselhos de como as meninas deviam se comportar, os deveres esperados de uma filha e histórias de cunho didático-moralista, até minuciosas e ricas explanações acerca da história da condição feminina em diversas civilizações e em diferentes épocas.

Em **Opúsculo humanitário**, por exemplo, que reúne sessenta e dois artigos sobre a educação já publicados nos principais jornais da corte, Nísia Floresta tece comentários sobre a Ásia, a África, a Oceania, a Europa e a

América do Norte, antes de tratar do Brasil e da mulher brasileira, sempre observando a relação existente entre o desenvolvimento intelectual e material do país (ou o seu atraso), com o lugar ocupado pela mulher. Nísia, em consonância com intelectuais da época, defende a tese de que o progresso de uma sociedade depende da educação que era oferecida à mulher; e que só a instrução, aliada à educação moral, dariam maior dignidade e fariam da mulher uma melhor esposa e melhor mãe. Esses, aliás, seriam precisamente os objetivos da educação das meninas: torná-las conscientes de seus deveres e papéis sociais.

Hoje, preocupações como estas de Nísia Floresta, podem até parecer ultrapassadas, mas isso não é correto. Basta que nos lembremos da valorização da mulher ocorrida em meados do século XIX, quando se redimensiona a maternidade enquanto papel social. Se em dado momento a presença da mulher era inexpressiva em consequência da rígida estratificação social que privilegiava o masculino; em outro a figura feminina transforma-se em centro das atenções pela valorização de sua função biológica exclusiva: a maternidade. Tais alterações tiveram, naturalmente, uma grande repercussão em meio às intelectuais que vislumbraram, aí, a possibilidade de as mulheres adquirirem *status* e *poder* diante da opinião pública.

Nísia estava à frente de seu tempo também na abordagem de outras questões, como quando trata do escravo e do índio brasileiro. Em um longo poema de 712 versos – intitulado **A lágrima de um Caeté**, de 1849, por exemplo – encontram-se interessantes posicionamentos da autora a respeito do indígena. Uma rápida leitura do texto permite a identificação de inúmeros elementos marcantes do romantismo como a lusofobia, o elogio da natureza e a exaltação de valores indígenas. A novidade é que o poema nos traz não a visão do índio-herói que luta, presente na maioria dos textos indianistas conhecidos e, sim, o ponto de vista dos derrotados, do índio vencido consciente e inconformado com a opressão de sua raça pelo branco invasor.

Não cabem, pois, em seu índio, os epítetos de inocente, de puro e de portador daquela 'bondade natural', idealizados nas teorias filosóficas européias e adotadas pelos demais escritores brasileiros. O contato com o homem branco revelou-se pernicioso demais para ele (e a história confirma) com consequências irreversíveis. A dor do indígena vem precisamente da consciência dessa irreversibilidade e do meio-lugar (ou lugar nenhum) em que se encontra. O discurso da narradora, absolutamente preso ao do índio e às vezes até se confundindo com o dele, acrescenta um dado fun-

damental: o da perda de identidade por parte do silvícola, que os escritores românticos do período tentavam escamotear.

No mesmo ano da publicação de **A lágrima de um caeté**, Nísia Floresta viajou para a Europa, onde permaneceu vinte e oito anos de sua vida. E, nessa época, no auge da maturidade intelectual, relacionou-se com escritores com Alexandre Herculano, Dumas (pai), Lamartine, Duvernoy, Victor Hugo, George Sand, Manzoni, Azeglio e Auguste Comte, e viajou durante anos seguidos pela Itália, Portugal, Alemanha, Bélgica, Grécia, França e Inglaterra.

Destas viagens resultaram alguns livros que, bem ao gosto da época, contêm suas impressões dos lugares que conhecia. Só que Nísia Floresta não realiza simples relatos de viagem, mas descreve com riqueza de detalhes as cidades, as igrejas, os museus, os parques, bibliotecas e monumentos, detendo-se nos tipos humanos e comentando tudo com muita sensibilidade e erudição. **Itinerário de uma viagem à Alemanha** (1857), e **Três anos na Itália, seguidos de uma viagem à Grécia** (em dois volumes, de 1864 e 1872) são os títulos desses livros escritos e publicados em língua francesa. O primeiro foi traduzido para o português em 1982, por Francisco das Chagas Pereira, conhecido admirador e estudioso de Nísia Floresta, após mais de cem anos em língua estrangeira. O outro, considerado uma obra prima em que ela teria alcançado a culminância de seu esplendor intelectual, teve apenas um volume publicado em português, em 1998, pelo mesmo tradutor.

Ambos os trabalhos são interessantes, mas destaco um aspecto relevante de **Três anos na Itália**. O fato de o livro conter as anotações da autora sobre a unificação italiana, o clima revolucionário, as descrições da luta, os sentimentos populares, e, ainda, sua admiração pelos líderes, Garibaldi e Azeglio, torna-o ímpar na literatura brasileira, pois não há notícia de outro texto de autor nacional que documente tais episódios.

Outro trabalho, também dos mais importantes, é **Cintilações de uma alma brasileira**, publicado em Florença em 1859. O livro contém cinco ensaios que tratam da educação de jovens, da mulher européia, da pátria e das saudades que ela sentia de seu país, após tantos anos ausente. Um dos textos, intitulado **A mulher**, trata da mulher francesa de meados do século XIX, que a autora critica pelo comportamento superficial e mundano. Nísia se antecipa aos governantes e pensadores franceses e condena – nesse ensaio – o costume das mulheres de abandonar os filhos recém-nascidos para serem amamentados e criados distantes, no interior do país, por mulheres camponesas. Em outro ensaio, **O Brasil**, também publicado em Paris em

1871, ela resume a história da nação brasileira, fala dos recursos econômicos, das riquezas conhecidas e latentes, dos sábios e escritores mais conhecidos. Sua intenção era, além de fazer propaganda da pátria no estrangeiro, desfazer os preconceitos e mentiras que predominavam na Europa, acerca do Brasil.

Assim, por tudo o que foi dito – e por muito mais – é hora de dar a Nísia Floresta o lugar de destaque que ela merece na história intelectual da mulher brasileira. A autora foi sim uma mulher ‘educada’ do Brasil patriarcal e uma das raras mulheres de letras de seu tempo. Mas foi mais ainda. Nísia Floresta foi também uma brasileira erudita e ilustrada como bem poucas de nossa história.



Túmulo de Nísia Floresta, na cidade de Nísia Floresta/RN.

A lágrima de um Caeté

Lá quando no Ocidente o sol havia
Seus raios mergulhado, e a noite triste
Denso ebânico véu já começava
Vagarosa a estender por sobre a terra;
Pelas margens do fresco Beberibe,
Em seus mais melancólicos lugares,
Azados para a dor de quem se apraz
Sobre a dor meditar que a Pátria enluta!
Vagava solitário um vulto de homem,
De quando em quando ao céu levando os olhos
Sobre a terra depois triste os volvendo...



Não lhe cingia a fronte um diadema,
Insígnia de opressor da humanidade...
Armas não empunhava, que os tiranos
Inventaram cruéis, e sob as quais
Sucumbe o rijo peito, vence o inerte,
Mata do fraco a bala o corajoso,
Mas deste ao pulso forte aquele foge...
Caia-lhe dos ombros sombreados
Por negra espessa nuvem de cabelos,
Arco e cheio carcaz de simples flechas:
Adornavam-lhe o corpo lindas penas
Pendentes da cintura, as pontas suas
Seus joelhos beijavam musculosos

Em seu rosto expansivo não se viam
Os gestos, as momices, que contrai
A composta infiel fisionomia
Desses seres do mundo social,
Que devorados uns de paixões feras,
No vício mergulhados falam outros
Altivos da virtude, que postergam
De Deus os são preceitos quebrantando!
Orgulhosos depois... ostentar ousão
De homem civilizado o nome, a honra!...

Não era um homem destes o que lá
Solitário vagava meditando,
Como aquele, que busca uma lembrança,
Uma idéia chamar, que lhe recorde
Um fato anterior da vida sua,
Vivamente um lugar, que já foi seu,
Do qual o Despotismo o despojara...

Era um homem sem máscara, enriquecido
Não do ouro roubado aos iguais seus,
Nem de míseros africanos d' além-mar,
Às plagas brasileiras arrastados
Por sedenta ambição, por crime atroz!
Nem de empregos que impudentes vendem,
A honra traficando! o mesmo amor!!
Mas uma alma, de vícios não manchada,
Enriquecida tinha das virtudes
Que valem muito mais que esses tesouros.

Era da natureza o filho altivo,
Tão simples como ela, nela achando
Toda a sua riqueza, o seu bem todo...
O bravo, o destemido, o grão selvagem,
O Brasileiro era... - era um Caeté!

Era um Caeté, que vagava
Na terra que Deus lhe deu,
Onde Pátria, esposa e filhos
Ele embalde defendeu!...
(.....)

REFERÊNCIAS

DUARTE, Constância Lima. **Nísia Floresta: vida e obra**. Natal: EDUFRN, 1995.

_____. **Nísia Floresta: a primeira feminista do Brasil**. Florianópolis: Ed. Mulheres, 2005.

FLORESTA, Nísia. **Direitos das mulheres e injustiça dos homens**. 4 ed. Introdução, Posfácio e Notas de Constância L. Duarte. São Paulo: Cortez, 1989.

_____. **Opúsculo humanitário**. Introdução e notas de Peggy Sharpe-Valadares. Posfácio de Constância L. Duarte. São Paulo: Cortez Editora, 1989.

_____. **A lágrima de um Caeté**. Estudo e Notas de Constância Lima Duarte. Natal: Fundação José Augusto, 1997.

_____. **Cintilações de uma alma brasileira**. Edição bilingüe Trad. Michelle Vartulli, Zahidé Muzart e Suzana Funck. Apresentação e Notas Biográficas de Constância Lima Duarte. Florianópolis: Ed. Mulheres, EDUNISC, 1997.

_____. **Três anos na Itália, seguidos de uma viagem à Grécia**. Trad. Francisco das Chagas Pereira. Natal: Ed. da UFRN, 1998. v. 1